

ARTIGO

Para o Brasil mudar antes que seja tarde

FERNANDO PIRES DE MORAES

Greves, pelo menos nas empresas particulares, perdem a força, a greve geral não houve.

Graças a Deus, proclamam os conservadores, os empresários — quase todos — e os críticos.

Não sei se é graças a Deus. Movimentos políticos e sociais pacíficos têm uma força muito grande e em alguns países tais movimentos recebem a adesão de multidões, que podem mudar acontecimentos e até a história.

Ouvi em uma conferência, entre outros horrores, uma afirmação perversa: em 1947 era fundada a Nippon

Steel, em um país arruinado pela guerra; no mesmo ano a Companhia Siderúrgica Nacional, o mais recente orgulho pátrio, era — dizia o conferencista — ou se preparava para ser a 3ª maior usina de aço do mundo.

Hoje a Nippon fatura US\$ 60 bilhões por ano e a nossa CSN é uma empresa falida, que não ocupa nenhum lugar nesta escala de valores.

O que está acontecendo com o Brasil?

Quase em qualquer grupo, seja em ambientes universitários, nas empresas, nos lares, em reuniões sociais, o assunto dominante é a decadência do País. Os valores éticos e morais estão

corrompidos e esquecidos; a educação, a crer no que li recentemente em uma publicação séria, é hoje uma das piores do mundo. As estradas acabaram, o tratamento de saúde da esmagadora maioria da população é concedida de forma precária e humilhante. Doenças desaparecidas do Primeiro Mundo aqui estão com força total. Em Belo Horizonte, as escadarias da Igreja São José, no coração da cidade, equivalente a uma São João com a Ipiranga em São Paulo ou ao Largo da Carioca no Rio de Janeiro, abrigam em barracas precárias algumas centenas de pessoas, que nos seus jardins, sem água e sem instalações sanitárias, vivem até

quando alguma autoridade decidir cumprir o seu papel.

A corrupção não tem limites, os corruptos e os corruptores não são punidos. O executivo não tem continuidade e experimenta choques e planos. O Legislativo vive uma crise moral sem precedentes e o Judiciário, presumivelmente honrado, é inoperante pela lentidão.

Em certo Estado — declarava o seu governador — os desembargadores ganham por mês 400 salários mínimos!

O povo — eu me arrisco a dizer 70% dele — perdeu toda a força e (quase) toda a esperança. Em cidades grandes os ricos se trancam, contra-

tam seguranças e compram cães; os pobres acham que não tem jeito, Cr\$ 23 mil por mês não dão nem para comer e a cada segunda-feira os jornais marrom noticiam a morte de 100 pessoas, todas — rigorosamente — pobres, de forma violenta.

Na classe média — esta não tem cães nem mora em favelas —, nela reside toda a esperança (vide exemplos históricos) de mudança. A não ser quando também apelam para tirar proveito, também roubar o INSS, a merenda escolar, a botar água no leite (se ainda fosse só água...)

Ou quando não perdem o ânimo pelo confisco dos cruzados economizados

ou pelo fechamento, com uma assinatura no gabinete de Brasília, do seu banco, onde guardava o dinheiro do recém-depositado salário.

Ser pessimista virou mania neste país; mas dizem que são realistas.

Conheço muita gente que ainda luta e acredita.

Agora sim, graças a Deus. Luta para reverter a estatística: 70% para mudar o País.

O que precisa ser feito, agora ou será tarde demais.

Fernando Pires de Moraes é administrador e consultor em Belo Horizonte